

# A família e a deficiência: traçando um paralelo com o filme *Meu Pé Esquerdo*

Cadernos de  
Pós-Graduação  
em Distúrbios do  
Desenvolvimento

*Simone de Lourdes Arruda Rêgo*  
*Valéria Leite Soares*

*Alunas do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em  
Distúrbios do Desenvolvimento da Universidade Presbiteriana Mackenzie*

## RESUMO

O objetivo deste estudo é, através de uma revisão de literatura, traçar um paralelo entre as questões vividas da família com a criança deficiente e o filme 'Meu Pé Esquerdo: a história de Christy Brown'. O estereótipo cultural da criança ideal, as expectativas dos pais de que seus filhos desempenharão com êxito os papéis que a sociedade e eles próprios lhes atribuem são conflitantes e frustrantes. Os irmãos também vão adaptar-se a uma nova situação com a chegada do irmão deficiente. A mudança na dinâmica familiar é inevitável, havendo a necessidade de uma reorganização frente à nova situação. A importância do papel da família não pode ser minimizada, pois é através das experiências e relações vividas que o deficiente aprenderá que, apesar de suas limitações, é-lhe permitido ser ele mesmo.

Palavras-chave: Família. Criança. Deficiência.

Segundo Buscaglia (1997) e Telford e Sawrey (1988), sociologicamente a família se define como um sistema social pequeno e interdependente, dentro do qual podem ser encontrados subsistemas ainda menores, dependendo do tamanho da família e da definição de papéis. Os pais formam a unidade central, havendo outras inter-relações, tais como pai-filho, mãe-filha, irmão-irmã e, assim, sucessivamente. Tais relações exercem influência umas sobre as outras, tanto individualmente, como no grupo. Os membros da família são conhecedores de seus papéis e sabem como devem separá-los.



MACKENZIE

Reforçando a idéia dos autores acima, D'Antino (1998) cita que a família é o primeiro e mais importante 'berço' do indivíduo, tendo como função original satisfazer todas as necessidades físicas, afetivas e sociais da criança, cumprindo também, a função mediadora entre a criança e o mundo social.

Considera-se cada família única, com seus valores, diferenciando-se em tamanho de acordo com os elementos que as compõem. Geralmente, cabe aos pais o sustento econômico de sua prole, os cuidados quanto à saúde, alimentação, proteção e abrigo, oferecer-lhes afeto, condições de socialização, auto-identidade e condições educacionais, preparando-a para o mundo.

A família bem estruturada emocionalmente sabe lidar com situações diversas e conflitantes, busca a reestruturação e o redimensionamento de funções e papéis.

Assim, quando um homem e uma mulher se unem com a função de iniciar uma nova família, através de uma relação afetiva e econômica, dentro de normas e valores estabelecidos por eles, como também pela sociedade, procuram dar segmento com a chegada dos filhos. Estes são gerados em meio às expectativas sociais de que estejam dentro dos padrões sociais e culturais estabelecidos. Os pais idealizam como deve ser esta criança e criam várias expectativas. Fazem projetos, para concretizar aquilo que eles não conseguiram realizar para si, investem para que suas frustrações não se repitam na vida dos filhos.

Encarar os problemas da criança deficiente e suas relações familiares e sociais torna-se tarefa difícil e o filme *Meu Pé Esquerdo* mostra explicitamente algumas situações que são pertinentes a reflexões.

A negação, a culpa, a vergonha, o preconceito, são demonstrados no filme, assim como sentimentos que se opõem a estes, como as brincadeiras, o carinho e atenção por parte dos irmãos e dos pais.

O ambiente familiar é importante e pode contribuir para o desenvolvimento e o crescimento de uma criança, seja ela deficiente ou não. A representação do ambiente no desenvolvimento infantil varia muito, sendo, portanto, dinâmico e mutável (SILVA; DESSEN, 2001).

A família de Christy é significativamente importante para ele, sendo a mãe o foco central das relações. Cabem a ela os cuidados com os filhos e no caso do filho deficiente, o cuidar pode estar muitas vezes envolvido no sentimento de culpa imposto pelas concepções sociais. O papel de pai é de muita responsabilidade, tornando-se difícil e confuso quando o filho nasce com características 'negativas' e marcantes, ao contrário de todas as expectativas projetadas. Desta forma, fica difícil para os pais conseguirem visualizar algo de positivo na criança deficiente, até que possam fluir possibilidades para uma nova compreensão, desviando assim o olhar da deficiência, para focar na pessoa com deficiência.

Observa-se no filme que este processo do reconhecimento da criança, como membro da família, principalmente por parte do pai, só aconteceu após comprovação de suas 'possibilidades' demonstradas na cena em que a criança, ao segurar o giz com



o seu pé esquerdo, consegue escrever a palavra “mamãe”. Ficam evidenciados o espanto e a surpresa da família, ao perceberem que Christy, apesar da sua grande dificuldade, consegue expressar-se sob a forma escrita. Neste momento, toda a família se emociona e se surpreende. O senhor Brown sente-se orgulhoso e apresenta a criança como verdadeiro membro da família a seus amigos, agora não mais como um “inválido”, mas sim como um “gênio”. É visível como esse fato passa a ser importante nas relações daquela família, é a visibilidade do ser, que estava escondida no estereótipo da deficiência.

O nascimento de um filho é um momento único e de muita alegria para a maior parte das famílias, mas tudo muda quando nasce uma criança com deficiência. Este momento passa a ser de dor, lágrimas, frustração, angústia, medo, insegurança, culpa e muitos outros sentimentos que envolvem esta situação.

A cena do filme em que o pai recebe a notícia do nascimento do filho deficiente, mostra claramente a decepção frente ao sentimento de impotência, revolta e insegurança vivida pelo Sr. Brown. Foi a perda de um filho idealizado e a falha no seu papel como progenitor. É importante observar que não há uma orientação profissional adequada ao pai para que este tente refletir diante de tal momento difícil. O nascimento de uma criança deficiente é inesperado, confuso e sofrido. Buscaglia (1997) refere que um aconselhamento psicológico e educacional aos pais, na maioria das vezes, é inexistente e o que procuram fazer pelos seus filhos é basicamente instintivo.

Bowlby (1995, p.73) afirma que

uma criança necessita sentir que é objeto de prazer e orgulho para sua mãe, assim como sua mãe precisa sentir que seu filho é uma continuidade de sua personalidade, na personalidade de seu filho, ambos precisam se sentir profundamente identificados um com o outro.

É difícil, com o impacto da notícia do nascimento de uma criança deficiente, ter esta perspectiva de continuidade e de troca. É necessário que haja uma reestruturação para que a aceitação e o desejo por este filho ocorram.

Após a cena do nascimento, o Sr. Brown aparece no bar bebendo e se ofende com a fala das pessoas que lá estão. Estas colocam em evidência seu papel de homem fracassado por “produzir” um filho deficiente e lhe perguntam se irá colocar a criança em um manicômio como uma solução ao problema, mas esta idéia é rejeitada imediatamente pelo pai. Ribas (1985, p. 52) acredita que

grande parte das famílias não estão preparadas para receber um membro deficiente, pois receberam toda uma carga ideológica cultural e que geram as reações mais diversas na família como: rejeição, simulação, segregação, superproteção, paternalismo, ou mesmo piedade.

Assim como as famílias, as pessoas também têm em sua formação sociocultural, conceitos e conhecimentos de senso comum sobre a deficiência. Os pais, além de precisarem dar conta desta situação nova e inesperada de ter um bebê deficiente, também vivem o reflexo da rejeição e do isolamento social. A sociedade tem dificulda-



des em conviver com diferenças, deixando isto bem definido em suas atitudes e ações, geralmente evitando um contato mais próximo e sensível.

Em seu universo de relações, o deficiente gera nas pessoas diferentes sentimentos, que lhe negando o olhar para o seu eu e, o que mais chama a atenção, é o estereótipo de sua deficiência, fazendo aflorar pré-conceitos nas pessoas (AMARAL, 1988).

Voltando ao filme, o convívio com a família foi muito positivo para Christy, apesar da rejeição do pai pela sua condição de deficiente. Porém, não cabe aqui, juízo de valor em relação à figura paterna, pois ele experimentava sentimentos de culpa, vergonha, que são reações comuns a qualquer ser humano.

Observa-se que a família Brown tinha papéis claramente definidos; a Sra. Brown cuidava de seus filhos, na alimentação, na higiene e no lar. Buscava passar valores éticos e religiosos, era afetuosa e cuidadosa com sua família, apesar de uma situação socioeconômica desfavorecida. O pai trabalhava para manter o sustento da família, sendo uma pessoa autoritária, como a norma da época. Ele reunia-se com a família para os rituais básicos em seu lar, como as refeições, com momentos de alegria e de conflitos. Os irmãos cumpriam seus papéis, interagiam entre si, participavam do convívio familiar, estudavam e brincavam rotineiramente, ampliando o convívio social com outras crianças da vizinhança.

Durante sua infância, Christy Brown convivia com sua família, em uma casa simples de um bairro urbano pobre. Geralmente, ele ficava na sala, acomodado em um canto debaixo da escada, que levava aos quartos. Observava tudo a seu modo, procurava interagir com a família, mas a dificuldade na comunicação era grande devido ao comprometimento motor. A desarmonia de tônus na musculatura da face fazia com que ele não conseguisse articular os movimentos necessários para uma comunicação oral compreensível, o que não era diferente em relação aos padrões posturais de seu corpo, dificultando sua mobilidade.

O papel da família é também o de mediar, treinar e incentivar as relações sociais da criança em diferentes ambientes sociais e, com a criança deficiente, este papel não é diferente.

Assim, depois de algum tempo, Christy ganhou um carrinho de mão, construído em madeira e pode ser transportado com facilidade para fora do ambiente de sua casa. Foi um momento de nítida satisfação de toda a família, quando o colocaram no seu carrinho e o empurraram pela rua do beco onde morava. Entre irmãos e amigos, ele passou a participar das brincadeiras e peripécias comuns a todas as crianças.

O papel da família em relação ao desenvolvimento da criança com deficiência é imprescindível. No entanto, é necessário que os profissionais façam orientações adequadas, oferecendo uma assistência aos pais, dedicando-lhes maior e melhor atenção. Deve-se ter cuidado para que as informações não sejam passadas de maneira a influenciar os pais negativamente, sempre levando em consideração o estado emocional da família.

As mudanças psicossociais com a chegada de um membro deficiente na família provocam um desequilíbrio em seus integrantes, por mais que esta esteja bem



estruturada. Atitudes e valores serão revistos e cada um de seus membros reagirá frente à aceitação ou rejeição da pessoa com deficiência. A família saudável enfrentará esta situação de uma forma mais realista e produtiva, buscando soluções no grupo, para enfrentar as pressões internas e externas provocadas pela sociedade. Ela cumprirá também seu papel de mediadora entre a sociedade e a criança, proporcionando um ambiente mais receptivo, mas para isso deve compreender seus sentimentos e reações perante a deficiência e favorecer um ambiente saudável de relações, para que a criança possa se desenvolver e ampliar sua vida social, compreendendo suas limitações e buscando sua identidade.

A contextualização do filme *Meu Pé Esquerdo* concretiza várias situações que ajudarão a uma melhor compreensão. A família Brown, apesar de suas dificuldades econômicas, vive situações de conflitos e dificuldades perante a deficiência de Christy, mas a estruturação da família, foi de forma inegável, o eixo mais importante para a identificação e realização pessoal dele.

## Family and disability: a parallel with the film My Left Foot

### ABSTRACT

This study aimed to develop a parallel between situations faced by families of disabled children with the film 'My Left Foot' through a literature review. Cultural stereotype of the ideal child, coupled with parents expectations that children will adequately play the roles society and parents attribute to them generate conflict and frustration. Siblings will have to adapt as well to the new situation of the arrival of a disabled brother or sister. Changes in family dynamics are inevitable and it is necessary its reorganization to the new situation. The importance of the family cannot be minimized for it is through lived experiences and situations that the disabled child will learn that despite his/her disability, he/she can be himself/herself.

Keywords: Family. Child. Disability.

### REFERÊNCIAS

AMARAL, L. A. Algumas reflexões a partir do filme 'oitavo dia'. *Temas sobre Desenvolvimento*, [S. l.], v. 10, n. 57, p. 38-44, 2001.

\_\_\_\_\_. *Conhecendo a deficiência (em companhia de Hércules)*. São Paulo: Robe, 1995.

\_\_\_\_\_. *Do Olimpo ao mundo dos mortais ou doando nome aos bois*. São Paulo: Edmetec, 1988.



MACKENZIE

AMARAL, L. A. Sobre crocodilos e avestruzes: falando de diferenças físicas, preconceitos e sua superação. In: AQUINO, J. G. *Diferenças e preconceitos na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1998.

AMORIM, D. D. *Algumas problemáticas das relações familiares no âmbito cognitivo-comportamental*. 2003. Disponível em: <<http://www.acolher.hpg.ig.com.br>>. Acesso em: 20 abr. 2003.

AMORIM, S. T. S. P.; MOREIRA, H.; CARRARO, T. E. Amamentação em crianças com Síndrome de Down: a percepção das mães sobre a atuação dos profissionais de saúde. *Revista Nutrição*, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 91-101, 1999.

ASSUMPCÃO Jr., F. B.; SPROVIERI, M. H. *Deficiência mental, família e sexualidade*. São Paulo: Memnon, 1993.

BUSCAGLIA, L. F. *Os deficientes e seus pais: um desafio ao acolhimento*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

\_\_\_\_\_. O papel da família na reabilitação da criança deficiente. In: BAGATINI, V. *Educação Física para deficientes*. Porto Alegre: SAGRA, 1987.

BOWLBY, J. *Cuidados maternos e saúde mental*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

BRAZELTON, T. B. *O desenvolvimento do apego: uma família em formação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

CORTEZ, M. L. S.; ARDORE, M. *Conceitos e funções da família*. 2003. Disponível em: <<http://www.entreamigos.com.br>>. Acesso em: 20 abr. 2003.

D'ANTINO, M. E. F. *A máscara e o rosto da instituição especializada: marcas que o passado abriga e o presente esconde*. São Paulo: Memnon, 1998.

FERREIRA, S. L. Sexualidade na deficiência mental: alguns aspectos para orientação de pais. *Temas sobre Desenvolvimento*, [S. l.], v. 10, n. 55, p. 35-39, 2001.

MEU PÉ esquerdo: a história de Christy Brown. Roteiro de Shane Connaughton e Jim Sheridan, fita em vídeo VHS, 103 min. LK-TEL Vídeo. [S. l.], 1989.

POROT, M. *A criança e a família*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

RATLIFFE, K. T. *Fisioterapia clínica pediátrica: guia para a equipe de fisioterapeutas*. São Paulo: Ed. Santos, 2000.

REBELLATO, J. R.; BOTOMÉ, S. P. *Fisioterapia no Brasil: perspectivas de evolução como campo profissional e como área de conhecimento*. São Paulo: Manole, 1987.

REGEN, M. *Instituição família*. 2003. Disponível em: <<http://www.entreamigos.com.br>>. Acesso em: 20 abr. 2003.

RIBAS, J. B. C. *O que são pessoas deficientes*. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

SILVA, N. L. P.; DESSEN, M. A. Deficiência mental e família: implicações para o desenvolvimento da criança. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 133-142, 2001.

TELFORD, C. W.; SAWREY, J. N. *O indivíduo excepcional*. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

